

RUA ALBERTO FARIA

Lei nº 296 de 30-12-1949

Formada por rua sem denominação do Jardim Brasil

Início na avenida Brasil

Término na rua Clovis Bevilacqua

Jardim Brasil

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Miguel Vicente Cury.

ALBERTO FARIA

Alberto Faria nasceu no Rio de Janeiro em 19-outubro-1869 e faleceu na Ilha de Paquetá, baía de Guanabara, Estado do Rio, em 08-setembro-1925. Filho do comerciante português José Lopes Faria e Leocárdia da Costa Faria, fez seus estudos primários no Instituto Meneses Vieira, em sua cidade natal, prosseguindo-os em Portugal, num colégio de Braga. Aos 12 anos já redigia manuscritos nos colégios e aos 16 fundava um quinzenário. De volta ao Brasil, na cidade de São Carlos, neste Estado, seguindo sua natural vocação fundou um pequeno jornal "A Alvorada". Passando a residir em Campinas, em 1889, estreitou na imprensa diária ao lado de Carlos Ferreira, chegando a dirigir a "Gazeta de Campinas", em 1895-96. Passou pelo "Comercio de Campinas" onde manteve uma secção que fez sucesso "Moscas no Teto". Em 1894, fundou o vespertino "O Dia", de curta existência. Sua fase mais fecunda foi na "Cidade de Campinas", que fundou em 1897 e dirigiu até 1904, onde subscreveu com o pseudônimo de "Adelino" uma coluna que se tornou famosa intitulada "Ferros Velhos". Na "Cidade" escreveu artigos, crônicas, polêmicas, enveredou para assuntos severos de literatura e língua portuguesa. Em 1901, em concurso para a cadeira de Literatura do Ginásio de Campinas (Culto à Ciência), medindo-se com Coelho Neto e Batista Pereira, foi plenamente habilitado, firmando-se então o seu prestígio de filólogo, publicando na imprensa carioca importantes estudos, inclusive três sôbre Hipólito da Costa, um outro sôbre os criptonimos das "Cartas Chilenas", resolvendo a favor de Antonio Gonzaga o velho, controverso e interessante problema da autoria dessas cartas. Fez estudos folclóricos, tendo sido membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Escreveu: "Arcades sem Arcadias", "Os Sinos", "Luiz Gama", "Aerides", "Acendalhas", "Andorinhas", "Coisas do Arco da Velha", "Romance Medieval".



Lei n. 296, de 30 de Dezembro de 1949

Dá o nome de «Alberto Faria» a uma rua da cidade

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada "Alberto Faria" a rua do Jardim Brasil, na Estrada de Ferro Sorocabana, junto ao início da Rua 1.º de Março e terminando na Avenida Brasil, junto à Rua Joana de Gusmão.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 30 de dezembro de 1949.

MIGUEL VICENTE CURY
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 30 de dezembro de 1949.

O Diretor,
ADMAR MAIA

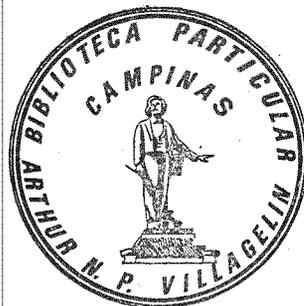
ALBERTO Faria, nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 19 de setembro de 1869, aos vinte anos radicou-se na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, onde passou a trabalhar na imprensa. Entre 1895 e 1896, foi diretor do *Correio de Campinas*, e, em 1897, fundou a *Cidade de Campinas*, que manteve até 1904. Usou os pseudônimos de Marcos Tuim, Adélio e Adelino. Foi professor de literatura do Ginásio de Campinas e colaborou em numerosas revistas, jornais e almanaques, com artigos sobre temas folclóricos e filológicos. Fez também numerosas conferências e investigações de caráter histórico-literário, envolvendo as *Cartas Chilenas*, a poesia camoniana, a vida e a obra de Gonzaga. Escreveu principalmente para a *Revista do Centro de Ciências, Artes e Letras*, de Campinas; para o jornal *O Estado de São Paulo* e para o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro; para a *Revista do Brasil*, a *Revista Americana*, a *Revista de Língua Portuguesa* e para a *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Sua produção não era das mais abundantes, mas revelava sempre o pesquisador arguto, paciente e erudito. Além do opúsculo *Cartas Chilenas*, que data

ALBERTO FARIA

(1869-1925)

de 1913, só tinha publicado o volume *Aerides*, contendo uma série de brilhantes artigos sobre temas folclóricos e lingüísticos, quando, no início de 1918, resolveu candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do Barão

Homem de Melo. Fora candidato dez anos antes, na vaga de Machado de Assis, concorrendo com Lafaiete Rodrigues Pereira, mas só obtivera dois votos. Na segunda investida, beneficiou-se do fato de não ter surgido nenhum concorrente, tendo sido eleito por 21 votos, a 10 de outubro de 1918. Foi recebido na sessão de 6 de agosto de 1919, sendo saudado por Mário de Alencar. Depois de ingressar na Academia, Alberto Faria publicou outra coleção de artigos, intitulada *Acendalhas*. Ao ser fundado o Museu Histórico Nacional, passou a integrar os seus quadros. Em seu discurso de saudação, Mário de Alencar disse: "Parecendo produzir pouco, já produzistes muito. Para o patrimônio acadêmico, trazeis, além do volume de *Aerides*, o de *Acendalhas*, já no prelo, e prontos para o prelo mais seis volumes." Nenhum destes, porém, chegou a sair. Alberto Faria morreu na ilha de Paquetá, baía de Guanabara, a 8 de setembro de 1925.



Alberto de Faria



Alberto de Faria

ALBERTO de Faria, escritor e jornalista que faleceu na ilha de Paquetá, no dia 8 de setembro de 1925, nasceu no Rio de Janeiro a 19 de outubro de 1869. Filho do comerciante português José Lopes Faria, fez seus estudos primários no Instituto Meneses Vieira, na sua cidade natal, prosseguindo-os em Portugal, num collegio de Braga. De volta ao Brasil, trabalhou durante algum tempo no commercio de Campinas. Aos 14 anos de idade, fundou em São Carlos o jornalzinho "A Alvorada". Em Campinas, estreou na imprensa diaria, trabalhando na "Gazeta de Campinas", que chegou a dirigir no periodo de 1895 a 1896. Naquella mesma cidade, fundara, em 1894, o jornal "O Dia". Em 1897, fundou "A Cidade de Campinas", por ele dirigido até 1904, ao mesmo tempo em que em suas colunas mantinha, sob o pseudonimo de Adelino, a seção "Ferros Velhos". Em 1901, fez concurso para a cadeira de Literatura do Ginasio de Campinas, sendo classificado e habilitado, embora tivesse como concorrentes Coelho Neto e Batista Pereira. Colaborador assiduo dos grandes jornais e revistas do país, publicou ainda os ensaios que mais tarde vieram a constituir as "Aerides" e as "Acendalhas". Eleito membro da Academia Brasileira de Letras, em 1918, ali ocupou a cadeira de que é patrono João Francisco Lisboa. Escreveu "Arcades sem Arcadias", "Os Sinos", "Luís Gama", "Coisas do Arco da Velha", "Andorinhas" "Romance Medieval".

ALBERTO FARIA

O autor e jornalista Alberto Faria, nasceu no Rio de Janeiro, aos 19 de outubro de 1889, e faleceu na Ilha do Paquetá, aos 8 de setembro de 1925.

Aos 14 anos de idade, seguindo sua natural vocação, fundou em São Carlos um pequeno jornal, "A Alvorada". Passando a residir em Campinas em 1899, estreitou na imprensa diária ao lado de Carlos Ferreira, chegando a dirigir a "Gazeta de Campinas", em 1895 e 1896. Fundou "O Dia", em 1894, e três anos depois, o jornal "A Cidade de Campinas", que dirigiu até 1904. Subscreveu com o pseudônimo de "Adelino", a famosa seção intitulada "Ferros Velhos".

Em 1901, foi habilitado no concurso para o provimento da cadeira de Literatura no Ginásio "Culto à Ciência" de Campinas, sendo que com ele concorreram também Coelho Netto e Batista Pereira.

Colaborador assíduo dos grandes jornais e revistas do país, publicou os ensaios que mais tarde vieram a constituir as "Acridas" e "Acendelhas". Foi membro da Academia Brasileira de Letras, e em 1918, ocupou a cadeira de que é patrono João Francisco Lisboa.

Era filho do comerciante português José Lopes Faria e de d. Leocadia da Costa Faria.



AM



ALBERTO Faria, nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 19 de setembro de 1869, aos vinte anos radicou-se na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, onde passou a trabalhar na imprensa. Entre 1895 e 1896, foi diretor do *Correio de Campinas*, e, em 1897, fundou a *Cidade de Campinas*, que manteve até 1904. Usou os pseudônimos de Marcos Tuim, Adélio e Adelino. Foi professor de literatura do Ginásio de Campinas e colaborou em numerosas revistas, jornais e almanaques, com artigos sobre temas folclóricos e filológicos. Fez também numerosas conferências e investigações de caráter histórico-literário, envolvendo as *Cartas Chilenas*, a poesia camoniana, a vida e a obra de Gonzaga. Escreveu principalmente para a *Revista do Centro de Ciências, Artes e Letras*, de Campinas; para o jornal *O Estado de São Paulo* e para o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro; para a *Revista do Brasil*, a *Revista Americana*, a *Revista de Língua Portuguesa* e para a *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Sua produção não era das mais abundantes, mas revelava sempre o pesquisador arguto, paciente e erudito. Além do opúsculo *Cartas Chilenas*, que data

ALBERTO FARIA

(1869-1925)

de 1913, só tinha publicado o volume *Aérides*, contendo uma série de brilhantes artigos sobre temas folclóricos e lingüísticos, quando, no início de 1918, resolveu candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do Barão

Homem de Melo. Fora candidato dez anos antes, na vaga de Machado de Assis, concorrendo com Lafaiete Rodrigues Pereira, mas só obtivera dois votos. Na segunda investida, beneficiou-se do fato de não ter surgido nenhum concorrente, tendo sido eleito por 21 votos, a 10 de outubro de 1918. Foi recebido na sessão de 6 de agosto de 1919, sendo saudado por Mário de Alencar. Depois de ingressar na Academia, Alberto Faria publicou outra coleção de artigos, intitulada *Acendalhas*. Ao ser fundado o Museu Histórico Nacional, passou a integrar os seus quadros. Em seu discurso de saudação, Mário de Alencar disse: "Parecendo produzir pouco, já produzistes muito. Para o patrimônio acadêmico, trazeis, além do volume de *Aérides*, o de *Acendalhas*, já no prelo, e prontos para o prelo mais seis volumes." Nenhum destes, porém, chegou a sair. Alberto Faria morreu na ilha de Paquetá, baía de Guanabara, a 8 de setembro de 1925.

BENEMÉRITOS DE CAMPINAS

ALBERTO FARIA



Nasceu no Rio de Janeiro a 19-10-1869. Faleceu na Ilha do Paqueta a 8-9-1925. Filho do comerciante português José Lopes Faria e de d. Leocardia da Costa Faria. Aos 12 anos já redigia manuscritos nos colégios e aos 16 fundava um quinzenário. Em 1889 estreou na imprensa diária, trabalhando na "Gazeta de Campinas", ao lado de Carlos Ferreira; pouco depois no Correio de Campinas, de que foi diretor (1895-1896) mantendo, de parceria com Quirino dos Santos, uma secção que fez sucesso: "Moscas no teto"; em 1894 fundou o vespertino "O Dia", de curta existência. A fase mais fecunda e gloriosa foi a da "Cidade de Campinas", que fundou em 1897 e dirigiu até 1904, escrevendo artigos, crônicas, polémicas, enveredando para assuntos severos da literatura e lingua portuguesa. Em concurso para a cadeira de literatura do Ginásio de Campinas, em 1901, medindo-se com Coelho Netto e Batista Pereira, foi plenamente habilitado, firmando-se então o seu prestígio de filólogo, publicando na imprensa carioca importantes estudos, inclusive três sobre Hipólita da Costa, um outro sobre os criptonimos das "Cartas Chilenas" resolvendo a favor de Antonio Gonzaga o velho, controverso e interessante problema da autoria dessas cartas. Fez estudos folclóricos, tendo sido membro da Academia Paulista de Letras, cadeira de Luiz Gama e da Brasileira de Letras, cadeira de Varnhagen, tendo substituído Oliveira Viana, eleito em 1º de Outubro de 1918, formando-se, aliás, tomando posse em 6 de agosto de 1919. Dicionário Bio-bibliográfico brasileira, pag.135-vol.I.

Cam